

BLONDINISTA

ORGAM DO CLUB BLONDIN
REVISTA CRITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ESTADO DE S. CATHARINA

ANNO II -

Laguna 3 de Março de 1901

- NUMERO 9

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA

por mez 500 reis

Publicação quinzenal

BLONDINISTA

CARNAVAL

o melhor do que era de espe-
rreio o carnaval em nessa
carnaval que ate sabbado não
me si,
al que como o arquejar
ante, deu signal de vida
na gorda, por uns chatos
horicos Zé-Pereiras em que
ata galhos de mato e phrases
idas, e faltava verve, a alma do
nival.—a parodia da grande co-
dia—a vida; o carnaval—um pa-
xismo de loucura momentanea.
Registremos pois o carnaval de
II, na Laguna:

—SABBADO—

Foi o club «Annita Garibaldi»
tem abrio a porta á esse eterno
lgasão, a esse galhofeiro de to-
os os tempos.

Salão caprichosamente adorna-
o, moças, moças e musica, mu-
ica e dança, a electrisar o feliz
ortal que penetrava n'aquella per-
mosa e estonteante atmospha;

languidos olhares; languidos e pe-
sarosos olhares para os ponteiros
do relógio que n'uma rapidez como
que phrenetica indicava as horas
do alvorecer e portanto o terminar
d'aquelle encanto, foi o baile do
Annita Garibaldi.

—DOMINGO—

Contra todas as previsões, at-
tento á friesa e ao desanimo dos
dias precedentes, ja pelas duas ho-
ras da tarde começaram a appa-
recer alguns *limões de cheiro* lan-
çados a tempo, causando as costumadas surpresas.

A tarde cerca das 6 horas appa-
receram «Os Jardineiros» que bem
preparados e ensaiados executar-
am um arremedo da conhecida
dança das *Jardineiras*. Resentia-se
porem esta dança de certa frieza
e grande monotonia, de forma
que em poucos instantes cançava
o espectador.

Apraz-nos registrar aqui a boa
ordem e correção da rapaziada
que compunha este grupo e damos
parabens aos seus directores.

A noite abrio seus salões, ao bai-
le á phantasia, o «Congresso La-
gunense».

Feericamente adornados os sa-
lões do Congresso regorgitavam de
socios e convidados, colhidos da
elite Lagunense.

A demasiada concurrencia talvez
foi o motivo da pouca animação
nas danças e o máo tempo que

BLONDINISTA

sobreveio concorren para que terminasse por cerca das 2 horas o sumptuoso baile.

—SEGUNDA-FEIRA—

O estrudo! Sim Senhores, o estrudo! porque não?

No Congresso, no Zéca Teixeira, no Jacob, no baluarte do Salustiano, no Campo de Fóra, em Magalhães, quem se atrevia a passar, a tarde, mettido em engomados?

Foi decretado o Banho forçado.

Não já os limões de cheiro, não as semsaboronas bisnagas, nem os impertinentes confetti, mas a... baideação classica!

A noite manifestou-se o nosso Club com um baile *onça* na gyrria espirituosa da rapasiada.

A entrada do Club, o salão de honra e mais dependencias phantasticamente decorados causavam a impressão de uma magica.

Alli se consorciou o bom gosto com a arte.

dizer que nas salas regorgitando de moças e cavalheiros n'uma encantadora promiscuidade intima, de familia, dançou-se até cançar; dançou-se e jogou-se confetti n'um enthusiasmo, n'um phrenesi, unico, immaginavel, em meio d'uma atmosphera de sedas e casimiras e confetti n'uma confusão tonitoadora, tudo alegria, tudo risos.

Comratulamo-nos com o Arthur, o incançavel Arthur, e mais com a rapasiada promotora da festa do Blondin.

Uma discordancia:

Observamos que tanto no Congresso como no Blondin, que deram bailes á phantasia, não se viu um mascarar, não se lorigou uma phantasia.

Que differença dos tempos dos Filhos do Sol, Jaguarètes etc etc!!
Tempore mutantur.

Lembramos que quando as nossas sociedades quizerem annunciar um baile carnavalesco, annuncieem um baile á *desphantasia*, assim conciliarão a ideia carnaval com *croisee* de acompanhar um entero, de ir a uma missa de 7º dia de assistir a um casamento e baptisado, o *croisee* enfim de todos os bailes não carnavalescos.

—TERÇA-FEIRA—

Ao approximarem-se as nuvens pardas escuras prenches de electricidade, a desdobrarem-se virtiginosamente no espaço, conduzindo bojo enorme o vendaval, a natureza como que cessa de respirar, colbe-se a um canto do universo com o olhar desmesuradamente aberto, n'um terror estranho, silencio que precede ao tempo.

Momentos depois passa a nuvem uma rajada de vento, um geiro aguaceiro e a natureza respira desassombadamente.

Tal a terça-feira do Carnaval.

Desde manhã que todos se desconfiados, ou com os olhos disfarçados e significativo convencionados. Ollhava-se a pidez opalina dos espaços, a insistencia de quem inquire a Laguna tinha o ar de quem espera.

Ao meio dia começaram as galhadas, gritos, corridas etc, etc era o forte do Rincão que entrava em fogo, era um ou outro limão de cheiro que partia ou cahir no café do Jacob, era finalmente El Rei o intrudo que se manifestava — Após o limão de cheiro, a bisnaga, o confetti, entrou em scena o balde. Mas, meu Deus, digão os Srs. da sciencia o quizerem o balde no intrudo e figura obrigada. O balde no intrudo é tão indispensavel como o hyssopum entero.

BLONDINISTA

ainda havemos de fazer uma theose no balde.

Tarde apresentaram-se os «Jar-ros» e depois os « Filhos do no » com um prestito de uns ro carros, um d'elles o do ndarte bonito, artistico quan- trabalho de molduras, mas... nada significar, sem nada, sem conduzir uma idéa.

guia-se um carro de critica: zuma cousa a que chamaram deptos, *de força* em que ia lurado um indio das nossas is que disiam ser um *guarany*. guis pedaços de papelão em a de placa, com discos mais enos insultuosos á extincta edade Guarany, galhos de e... ausencia completa de ito.

outro carro — Um jacaré — a, que deixando cabir a ma- inferior mostrava no lugar evia ser a garganta, ainda um gena que dizia algo, mas que se entendia.

bicaré, como lhe chamavam, o feito de salamandra o qualquer bathracio, de ou de outro qualquer animal rdem dos saurius é que nada i.

em arte, nem espirito. outro carro de surpresa: infelicidade era exatamente o elle não causava era surpresa.

A noite os mesmos carros e ais alguns fogos de bengala.

Os Jardineiros tambem manifes- ram-se com *enterra de ossos*:

Um grupo de figuras indiscri- tis com lanternas na cabeça abria prestito. Nada dizia—nada signi- cava. Seguiu-se

Um carro de... embrulho: dize- tos de *embrulho* porque realmen- era um embrulho.

Na frente uma figura de capace- (?) e viseira erguida, vestido a sia de antigo guerreiro, espada

em punho, ora escondia-se ora ap- parecia agarrado a um páo, espe- tado em alguma cousa que tanto parecia um roche-to como um cai- xão coberto de mato.

Aquella figura de quando em vez deitava um punhado de polvora em qualquer cousa que tinha fogo, pro- duzindo uma explosão.

Em meio do carro um poste on- de vinha pendurada uma corça de louros; ao pé, agarrados ao poste, dous indigenas, que fallavam como quem declamava alguma cousa que haviam estado mas que nem sempre sahia ao consoante.

Na parte de traz, sobre um pla- no mais elevado uma creança ves- tida de anjo, ajoelhada e... mais nada. Quizemos saber a signifi- cação d'aquelle estravagante car- ro e disseram-nos que era uma allegoria á disputa da corça de louros, exigida pela sociedade Filhos do Diabo e disputada pelos Guaranyes que já não existem, ou que pelo menos desde 98 em que perderam os louros colhidos nos annos anteriores não mais appa- receram.

Um outro carro, arranjado de mato, conduzia quatro mascarar que fallavam muito mas que limi- tavam-se a hostilizar acremente os adversarios Filhos do Diabo—e mais não disse.

Encerrou o carnaval de 901 o Congresso Lagunense com um bai- le organizado por alguns socios d'aquella sociedade, em que dan- çou-se e jogou-se confetti a valer.

Como um ecco tardio dos fol- guedos Carnavalescos reunio-se no dia 24 a sociedade Filhos do Diabo e elegeu sua Directoria pa- ra o anno de 902. A noite a com- panhados de muzica, os socios des- ta sociedade incorporados, foram

comprimentar a nova directoria.

Uma nova sociedade carnavalesca sob o titulo de «Fenianos» acaba de ser organizada por uma pleiade de Cotubas carnavalescos. E' de esperar que para o anno de 902 tenhamos um carnaval *ouça*.

Entretanto, de alto dos nossos tamancos, vamos exclamando:
Abi rapaziada! duro com ella!

MEIO INSTANTANEO

Em um templo oravam com fervor concentrado.

Havia n'elle, luxo, ostentação, sumptuosidade, e uma orchestra bem dirigida enchia a nave do templo com os seus canticos mariosos.

Festejava-se o padroeiro da Igreja!

Concluida a festa, quando retiravam-se os fieis ou infieis devotos, eu a vi!

Passou junto a mim e parou!

Nunca formosura mais completa, mais ideal, ferira-me os olhos e o coração.

Cercavam-n'a quatro satellites, a quem ella emprestava, como astro que é, o brilho do seu rosto pallido, bello e magestoso.

Dir-se-hia viuva. Trajava de preto e trazia flores roxas no cabelo negro, no collo que idealizei divino.

A cor que traduz o luto, que exprime a tristeza da vida, que significa as sombras do coração—dava-lhe a pallidez angelica do rosto divino, uma graça infinita

Sorrio-se ligeiramente para o grupo que a cercava e um mundo de sonhos dourados, de gozos in-traduziveis, de ventras sem fim, passou-me pela mente!

Amei-a!

E foi-se!

A' noite vi-a pela segunda vez não sei o que se passou porq' sonhava!

Ao despertar, estava só, o templo fechava-se e ella se fôra!

Trez dias depois, eu a vi.

Segui-a com os olhos, com pensamento e com o coração deixei ficar onde estava, por mortal, eu não tinha o direito acompanhar um anjo em sua f' ascensão!

E nunca mais a vi!

Hoje amo-a e muito, pelo p'samento, pelas recordações e p' coração.

Tableau

D.

O COMMERCIO

Temos sobre a nossa mesa trabalho o numero 1 d' O Comercio, novo jornal que veio á luz publicamente em Florianopolis, gam da Associação Beneficente Recreativa dos Empregados mercio.

Saudamos o novo collega, jando muitas prosperidades.

Acha-se emfermo o nosso socio Julio Horn, a quem de mos prompto restabeleciment

Do sympathico, 1 secretario d Associação Beneficente e Recreativa dos Empregados no Commercio recebemos communicação da posse da nova directoria d'aquella sociedade.

Agradecidos.

SOCIOS

Foram propostos e acceitos socios do nosso Club, os nossos amigos José Soares da Silva e Geraldo da Silva Furtado.